

Um estudo sobre fenômenos repetitivos e a compulsão à repetição

Romualdo Romanowski*, Porto Alegre

O autor revisa o conceito de compulsão à repetição na obra de Freud e de alguns autores pós-freudianos que abordaram o tema, tecendo considerações quanto a mudanças de seu significado, tanto em Freud quanto nos demais, bem como sua relação com outros fenômenos repetitivos. Evidencia dois momentos na obra freudiana no que toca ao conceito e algumas contradições contidas em Freud e nos autores posteriores ao abordarem esse tema. Discute também suas implicações tanto na teoria quanto na técnica psicanalíticas no passado e atualmente, acrescentando exemplos clínicos.

Descritores: Compulsão à repetição. Instinto. Instinto de morte. Princípio do prazer. Ego. Trauma.

* Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

I. Introdução

Freud afirmou ser uma característica dos impulsos instintivos a sua tendência a repetir-se compulsivamente, tendo, ademais, introduzido (1919/1920) a noção da existência de uma compulsão à repetição que contrariaria o princípio do prazer. Além disso, a partir do momento em que procurou uma explicação dinâmica para a repetição compulsiva, firmou um posicionamento relacionando às razões desta repetição com o desprazer e a morte, embora também tenha salientado aspectos progressivos nas repetições. Ele embasou parcialmente a hipótese sobre a compulsão à repetição nas chamadas neuroses do destino, ligando-a a uma tendência demoníaca, inexorável. Isto foi um dos pilares de sua controversa teoria dos instintos de morte. Do exame de suas obras conclui-se que ele foi conduzido gradualmente à teoria dos dois instintos primários por necessidades clínicas e dificuldades de explicação da dinâmica mental pelas ideias iniciais. Desta maneira, pode-se entender por que “[...] aqueles que acreditam no Instinto de Morte estão prontos para responder que *Além do princípio do prazer* não é uma breve inspiração no trabalho de Freud, mas inegavelmente a posição final que adotou em seu pensamento” (Robert, 1966, p. 335).¹

Julgo, entretanto, difícil, a priori, uma afirmativa a respeito da origem e do objetivo dos impulsos repetitivos, mesmo compulsivos, e se dizer se estão ligados ao prazer, ao desprazer ou talvez a qualquer outra finalidade. A repetição continuada, compulsiva, pode transformar o agradável em desagradável, o bom em mau, porém não se pode negar a importância que ela tem para o aprendizado, por exemplo. A elaboração decorre da repetição, embora igualmente se constate que o que foi repetido com tal finalidade pode, se ultrapassados certos limites, transformar-se em jugo, em obediência automática e sofrida, como nos rituais obsessivos. Há um momento natural em que a repetição está a serviço da necessidade de conhecer e de dominar o estranho, é necessária. A mesma repetição, adiante, cria o risco de saturação e sofrimento. A observação corriqueira de crianças é pródiga de exemplos: pedem sempre a mesma história, contada sempre com as mesmas palavras. Isto pode ser fonte de desprazer para o contador, mas para os pequenos ouvintes o agrado é evidente; é óbvio que estão dominando ansiedades despertadas pelas fantasias ligadas ao assunto da narrativa. Outro aspecto do conhecimento geral é que palavras, atitudes e gestos de amor que não variam tornam (após um tempo em que foram imprescindíveis) a ligação monótona.

¹ N.R.: todas as traduções neste trabalho foram feitas pelo autor.

Não devemos esquecer a dupla conotação da palavra *monótono*, que tanto significa a repetição no mesmo tom, como também quer dizer *enfadonho*, *fastidioso*. O ato sexual, no entanto, em seus aspectos fundamentais é constituído de processos repetitivos, prazerosos, ligados ao amor e à vida. A relação amorosa adulta repete atos e comportamentos ao longo do convívio; caso contrário, a relação permaneceria no nível adolescente, sem ligação objetal firme, com a troca incansável de companheiros.

Dada a frequência com que os fenômenos repetitivos se fazem presentes em nossa tarefa clínica, o assunto atraiu-me a atenção e levou-me a pesquisar a bibliografia psicanalítica sobre o tema. Pretendo agora, neste trabalho, apresentar o apanhado geral do estudo que empreendi sobre as repetições automáticas com a finalidade, precípua para mim, de compreender mais a fundo estas atividades.

Pessoalmente, estudando o problema na produção freudiana e nas pesquisas e teorias de outros autores, bem como pelo exame de minha experiência clínica, cada vez mais fui levado à convicção de que as repetições, mesmo as compulsivas, estão a serviço da função ego. Demonstrem não a existência de uma força *demoníaca* que visa à aniquilação do indivíduo, mas sim evidenciam o trabalho do ego, que busca, exitosamente ou não, organizar e harmonizar a vida psíquica. Não é uma afirmativa original, nem ambiciona sê-lo. Nas páginas seguintes, sem pretender ter conseguido abarcar todos os ângulos da questão e, talvez, sendo atingido pela confusão a ela inerente, visarei mostrar as bases em que repousa meu posicionamento.

Quero deixar estabelecido que não é minha meta entrar em discussões doutrinárias a propósito do instinto de morte, seja na formulação de Freud, seja na acepção aceita pela escola kleiniana. Apesar disto, não poderei me furtar a mencionar em várias passagens o instinto de morte, dada a proximidade dos conceitos em alguns ensaios de Freud.

Já de início verifiquei que, seja na prática, seja na consecução de um trabalho teórico, é bastante ingrato tentar-se separar o que é chamado *compulsão à repetição* do que constitui um *automatismo*, ou do que se poderia designar simplesmente de *fenômenos repetitivos*. A dificuldade de estabelecer nítida separação entre os fenômenos citados é encontrada não apenas ao longo da obra de Freud (compreensível, por ter sido ele o primeiro explorador do assunto e, portanto, quem enfrentou mais percalços no terreno ainda virgem), como também é verificada nos trabalhos dos demais autores consultados. Penso que isto se deve a que, possivelmente, todos esses fenômenos possuem uma origem comum e o sucesso ou fracasso da função ego é que ditará seu possível destino e consequências.

Pode parecer até óbvio o que acabo de afirmar e, portanto, supérfluo o relato do estudo proposto. Lembro, entretanto, que a questão ainda é levantada pela realização de discussões onde vários aprofundamentos são verificados, mas sem que o tema seja considerado esgotado, como ocorreu no *Painel* da Associação Psicanalítica Americana em 1964 (Gifford, 1964). Autores diversos, mesmo recentemente, surgem com contribuições que se chocam entre si, nas quais afirmam, por exemplo, ser a compulsão à repetição apenas a manifestação de mecanismos de defesa (Halevi, 1978), ou onde fazem referência à compulsão à repetição tal como descrita por Freud em 1920 (Kestenberg, 1980), ou mesmo propõem que seja revista a teoria de uma possível estrutura do id, por julgarem que o funcionamento da compulsão à repetição é qualitativamente diferente do funcionamento da satisfação de desejos (Cohen, 1980). Outros ainda há (Heilbrun, 1979) que procuram, através da neurobiologia, da neuroquímica e da neurofisiologia, subsídios para esclarecer ou fortalecer especulações freudianas (inclusive a própria teoria do instinto de morte), e sendas atraentes foram aí abertas. Não discutirei os argumentos ou méritos desses trabalhos, apenas os menciono para mostrar como, a despeito de parecer solucionado e encerrado para alguns psicanalistas, o assunto ainda é intrigante e questionável para outros.

II. A contribuição de Freud

As contribuições de Freud a respeito dos fenômenos repetitivos podem ser esquematicamente divididas em dois períodos. O primeiro destes períodos inclui seus trabalhos publicados até 1919-1920. A partir de *O estranho* e *Além do princípio do prazer*, correspondendo à alteração na teoria dos instintos, apresenta um conceito da compulsão à repetição em bases diferentes do anterior. Farei primeiramente uma revisão cronológica de seus trabalhos e a seguir tecerei alguns comentários críticos a respeito.

O interesse de Freud pelos fenômenos repetitivos surge cedo em sua obra. A observação clínica de comportamentos da vida diária levou-o a escrever em *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912):

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas pré-condições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela.

Isto produz o que se poderia descrever como *um clichê estereotípico (ou diversos dele) – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa*, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos a ela acessíveis permitam, e que decerto não é inteiramente incapaz de mudar frente a experiências recentes [...] Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontre com idéias libidinosas antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de tornar-se consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação desta atitude (Freud, 1912, p. 133-134, grifo meu).

Quando aqui Freud relaciona o *método específico de conduzir-se* e o *clichê estereotípico constantemente repetido* com a interação das primeiras influências e a disposição inata, nos faz pensar em sua posterior hipótese acerca da compulsão à repetição, onde ela adquire o característico dos impulsos instintivos, mas ele, nesta época, ainda não havia encaminhado a teoria para tal rumo.

Nesta etapa, os pontos básicos de sua formulação referiam-se às repetições – dentro e fora do tratamento – como ligadas a problemas libidinosos. Apesar disso, ele já chamava a atenção sobre a transferência tanto de sentimentos amorosos quanto de sentimentos hostis, bem como à possível ocorrência de frustrações que deteriam tais tendências, propiciando seu retorno futuro.

Durante a análise, a resistência tenderia a fazer com que a ação substituísse a recordação. Freud salientava este aspecto negativo, porém ao mesmo tempo via a importância positiva, para o prosseguimento da análise, da repetição desses modelos inalterados. Apontava que “[...] não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos. Pois, quando *tudo* está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*.” (Freud, 1912, p. 143).

Como vemos, a perspectiva da utilização dos fenômenos repetitivos manifestos na transferência faz com que eles sejam encarados com benevolência e até como aliados inestimáveis para a consecução do objetivo terapêutico. Descreve, portanto, não só os aspectos negativos das repetições, como também os positivos. O conceito da compulsão à repetição viria a surgir em 1914a, em *Recordação, repetição e elaboração (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise)*. O indivíduo, incapacitado de recordar seus impulsos ou atitudes ou ainda sentimentos infantis, acaba revivendo-os no tratamento de maneira concreta. Assim se expressa Freud:

[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o sem, naturalmente, saber que o está repetindo [...] Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar (Freud, 1914a, p. 196-197).

Fica explícita a relação marcada entre a compulsão à repetição e a transferência, o que levou Daniel Lagache (1956) a afirmar que a teoria do automatismo da repetição estava prestes a ser enunciada aí por Freud, o qual, no entanto, não desenvolveu mais sua linha de raciocínio sobre o assunto neste ensaio. Insiste, em 1914a, no aspecto compulsivo da repetição transferencial, mas a causa da transferência não é imputada a uma particular *compulsão à repetição* e sim às *resistências*.

É chamativo o valor que Freud já atribui aos conteúdos desfavoráveis (fato que também despertou a atenção de Lagache em seu estudo acerca do desenvolvimento das ideias de Freud sobre a transferência), o que pode ser bem comprovado na citação que segue:

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*acts out*). A resposta é que repete tudo que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos seus sintomas no decurso do tratamento (Freud, 1914a, p. 198).

É oportuno aqui um parêntese para assinalar que, em anos subsequentes (1919 e principalmente em 1920), Freud colocaria, de modo incisivo, o acento técnico nas repetições desprazerosas e incontroláveis, que caracterizariam para ele o aspecto *demoníaco* da compulsão à repetição. Em 1914a, vemos que os perigos do *acting out* são salientados, paralelos à intensidade da resistência com o conseqüente bloqueio da recordação. A repressão seria reforçada como resposta imediata a uma transferência muito intensa ou hostil.

A decorrência é que “[...] o recordar imediatamente abre caminho à atuação (*acting out*). Daí por diante, as resistências determinam a seqüência do material que deve ser repetido” (Freud, 1914a, p. 198). Apesar de tudo, volta a acentuar que a repetição (porque constitui no momento a única maneira de o indivíduo

relembrar) *pode ser útil*; o manejo da transferência, na medida em que consegue reverter a tendência a atuar para a recuperação do recordar, é a única forma de auxílio para o paciente.

Freud reafirma a interrelação entre a transferência e a repetição com as seguintes palavras: “Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (Freud, 1914a, p. 197).

Ele defende em 1914a, de maneira aproximada, seu posicionamento de 1912. Ao sustentar que a compulsão à repetição – que acaba fazendo com que a neurose de transferência substitua a neurose comum do paciente – pode ser tornada inócua e na verdade necessária, não diz, em essência, algo diferente das conclusões a que chegara naquela ocasião. Seu pensamento é claro: “A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças que aparecem sem dificuldades, por assim dizer, após a resistência ter sido superada” (Freud, 1914a, p. 201).

O prosseguimento de seus escritos mostra, em 1915 (*Os instintos e suas vicissitudes*), uma afirmativa que, embora sem atingir diretamente o conceito da compulsão à repetição, indicava, todavia, uma alteração na teoria dos instintos com repercussões futuras. Nesta data passou a considerar que os instintos do ego também possuiriam componentes agressivos. A agressividade ainda não era considerada independente dos instintos do ego, mas a caminho de sê-lo.

Pouco tempo depois, visto que a agressividade dos instintos do ego não conseguia explicar certos fenômenos masoquistas, propôs-se novamente a reestudar o assunto. Em *Luto e melancolia* (1917-15), a necessidade de autocastigo, a busca da dor e a depressão melancólica foram por ele encaradas como expressão das tendências destrutivas voltadas contra o próprio indivíduo. Examinando a questão, escreveu Bibring (1936): “Estas manifestações das quais o ego deve defender-se, tal como teve que defender-se dos impulsos libidinais, não podem explicar-se facilmente como devidas à agressividade dos instintos do ego” (p. 847).

Pelos trabalhos citados, observa-se que, até esta data (em que se encerra o primeiro período de sua contribuição ao tema), Freud descrevia a compulsão à repetição como uma forma (expressa através do *acting out*) de o reprimido se manifestar. Embora tenha acentuado as considerações sobre a repetição de material agressivo ou negativo, também ficam evidentes referências à presença constante de repetições úteis e necessárias no psiquismo.

A partir de 1920 e, mais particularmente ainda, após *O ego e o id* (1923), com o enunciado da teoria estrutural, as tendências agressivas passam a ser

encaradas como independentes. A agressão é estudada como parte fundamental da dualidade instinto de morte e instinto de vida. Deste ponto em diante, a hipótese dos instintos primários veio a substituir, na teoria, o enunciado anterior que colocava o confronto em termos de instintos do ego e instintos sexuais.

O conceito da compulsão à repetição foi decisivo para a modificação da teoria dos instintos e formulação da hipótese da existência do instinto de vida e do instinto de morte. Pode-se dizer que aí, verdadeiramente, começam as dificuldades neste assunto. De fato, as observações clínicas anteriores apresentavam a descrição dos fenômenos repetitivos e da própria compulsão à repetição como algo inquestionável. O mesmo não sucedeu com as especulações que enlaçaram a hipótese do instinto de morte com a compulsão à repetição.

Freud reconhecia em 1920, nas primeiras linhas do capítulo IV de *Além do princípio do prazer*: “O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará” (p. 39).

Relembremos, entretanto, que Freud na realidade seguiu esta ideia até o fim de sua obra teórica. A escola kleiniana (Heiman, 1962) apoiou esta especulação; percentagem significativa de autores (Bibring, 1943; Gifford, 1964), porém, tende a criticá-lo exatamente por haver deixado de lado, nesta altura, o método científico que utilizava sempre para fazer concessões ao pensamento especulativo.

Além do princípio do prazer é uma das obras centrais e assinala um dos momentos de modificação profunda e acréscimo na teoria psicanalítica. Nela, Freud acentuou a relação entre a nova formulação que fez (o conceito de instinto de morte) e a compulsão à repetição. Certamente por este motivo é o trabalho mais citado quando os diversos psicanalistas se referem à compulsão à repetição. Cabe, entretanto, frisar que Freud, de acordo com o que foi visto nas páginas anteriores, muito antes havia feito assinalamentos sobre as reações repetitivas, embora de maneira descritiva, sem grandes aprofundamentos dinâmicos.

A compulsão à repetição já fora descrita detalhadamente em 1919 no ensaio *O estranho* (*Das Unheimliche* - que também pode ser traduzido por *O sinistro*). Começa aí a tentativa de uma explicação dinâmica. Neste particular, *O estranho* é uma obra importante e não devidamente reconhecida em todo o seu valor. Pouco destaque é dado ao *O estranho* em muitas discussões e trabalhos publicados sobre o tema (Bibring, 1943; Kubie, 1939), talvez porque, em 1919, Freud ainda não falara do instinto de morte; os estudos subsequentes sobre o instinto de morte, sem dúvida, polarizaram mais as atenções que a investigação isolada sobre a compulsão à repetição. Os conceitos (compulsão à repetição e instinto de morte)

são habitualmente apresentados como interdependentes, quando não até confundidos. Isto pode fazer com que, erroneamente, se julgue que ambos surgiram ao mesmo tempo na teoria, o que realmente não aconteceu. Em 1920 foram por Freud ampliados os estudos sobre a compulsão à repetição; dentre alguns trechos pertinentes de 1919, porém, já se pode recolher o seguinte, onde se encontram condensados vários pontos de vista de suas origens e consequências (Freud, 1919):

[...] é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de *uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintivos e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer*, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável também por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas estas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como estranho (sinistro) (Freud, 1919, p. 297-298) (grifo e parênteses meus).

Observamos no excerto acima um registro da origem inconsciente da compulsão à repetição e de seu aspecto diabólico, ligado aos instintos ou inerente à íntima natureza deles. Mais ainda, há menção à possibilidade indireta de ser percebida esta ameaça interna. Finalmente, uma alusão não só à resistência ao tratamento como à própria possibilidade de impasse no tratamento e situações de análise interminável.

Schur (1966, 1972) reconhece os elementos importantes contidos em *O estranho* como, por exemplo, a relação feita por Freud entre o sinistro (estranho) e o retorno do reprimido. Vejamos mais uma vez o que escreve Freud (1919) naquele ano:

Neste ponto vou expor duas considerações que, penso eu, contêm a essência deste breve estudo. Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que *o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna*. Esta categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que era estranho era, em si,

originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto. Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do sinistro, pode-se compreender por que o uso lingüístico estendeu “*has Heimliche*” (“*homely*” – doméstico, familiar) para seu oposto, “*das Unheimliche*”, pois *este estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do processo de repressão*. Essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender a definição de Schelling do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz (Freud, 1919, p. 300-301) (grifos meus).

Prosseguindo, Freud deixa antever o rumo que seu pensamento seguiria a partir de 1920, ao conectar tudo o que escrevera sobre o sentimento de estranheza (*uncanniness*) com o sentimento humano em relação às ideias de morte. Isto é perceptível, por exemplo, na seguinte passagem: “A biologia não conseguiu ainda responder se a morte é o destino inevitável de todo ser vivo, ou se é apenas um evento regular, mas ainda assim talvez evitável da vida” (Freud, 1919, p. 301).

Agora sim, podemos nos deter a examinar alguns pontos importantes contidos em *Além do princípio do prazer* não como pensamentos inesperados e surpreendentes, mas antes como consequências antecipáveis, decorrentes diretas de certas ideias que foram tomando forma com o passar dos anos e que podem ser rastreadas, em suas origens remotas, até o *Projeto* de 1897. Ao afirmar que “[...] um instinto é um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas... a expressão da inércia inerente à vida orgânica” (Freud, 1920, p. 54), Freud procura ir adiante do ponto atingido no ano anterior, passando a defender a hipótese que a morte não é apenas o destino inevitável, mas “[...] que o objetivo da vida é a morte” (p. 56). A ideia inicial aqui é nitidamente calcada em moldes físicos, mecanicistas.

Ele argumenta que “[...] estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido” (op. cit., p. 55). O primeiro e fundamental instinto seria um instinto destinado a levar o organismo de volta ao estado inanimado. Neste ponto é que mais flagrantemente pode-se dizer ter Freud abandonado o método científico para se dedicar à especulação. A compulsão à repetição passa a ser designada por Freud como uma tendência instintiva, mais poderosa que o princípio do prazer, ao qual antecederia. O princípio do prazer deixa mesmo de ser encarado como um *princípio* regulador para ser mencionado como uma *tendência*. O trecho que segue é uma demonstração:

O princípio do prazer, então, é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível [...] a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico (Freud, 1920, p. 83).

Os instintos de vida passaram a ser representados pela libido dos instintos sexuais; seriam mais perturbadores da paz interna e produziram tensões de maneira contínua, cujo alívio seria sentido como prazer. O instinto de morte não acarretaria tais percepções internas de maneira direta. Tais raciocínios conduziram, entre outras, à seguinte conclusão: “O princípio do prazer parece na realidade servir aos instintos de morte” (op. cit., p. 85). Para atingir essas formulações teóricas, Freud partiu de material clinicamente observado. Quatro situações foram estudadas.

(A) *Certos jogos infantis*, onde a repetição é o traço característico, chamaram-lhe a atenção. Não imaginava que tipo de prazer adviria de tais estereotípias. Foi despertado para o assunto em 1915, ao presenciar o *jogo do carretel* de seu neto Ernst. O jogo estava relacionado com a ausência da mãe do menino e, para Freud, não poderia propiciar grande prazer e sim a repetição do sofrimento. Não obstante, ele concedia que ainda fosse possível enquadrar a conduta da criança nos domínios do princípio do prazer. Ponderava:

No início, achava-se (a criança) numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Estes esforços podem ser atribuídos a um instinto de dominação que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser agradável ou não (op. cit., p. 27).

Pela tendência a ab-reação, as crianças repetiriam os fatos importantes, mesmo que revivessem sofrimentos e, desta forma, tornar-se-iam senhores da situação.

(B) *A neurose de transferência*, reedição na situação atual do tratamento de experiências “dolorosas” do passado, proporcionou-lhe duas reflexões. De um lado, embora causando desprazer, a repetição transferencial poderia ser entendida pela explicação de que certo desprazer para um dos sistemas pode proporcionar satisfação a outro.

Na neurose de transferência, afirmava Freud, também são trazidos do passado – por força e intervenção da compulsão à repetição – experiências que não admitem a possibilidade de prazer algum e que também, à época de sua primeira aparição, não trouxeram satisfação de qualquer espécie, até mesmo para os impulsos instintivos originais, que desde então foram reprimidos. Estas experiências, carregadas de sofrimento desde seus princípios (visto estarem ligadas predominantemente à sexualidade infantil, por isso, já tendo nascido marcadas com o selo da decepção, do fracasso e conseqüentes feridas narcísicas), são compulsivamente repetidas. Para Freud isto era cabal manifestação de desprezo pelo princípio do prazer.

(C) A investigação da história de pessoas que vivem toda sua existência incompreendidas, passando de um problema para outro, ou mesmo de uma tragédia para outra (*a neurose do destino*), forneceu mais elementos para levá-lo à formulação acabada de suas ideias sobre a compulsão à repetição:

A impressão que dão é de serem perseguidos por um destino maligno ou possuídos por algum poder “demoníaco”; a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por elas próprias e determinado por influências infantis primitivas (Freud, 1920, p. 35).

Freud insistiu em chamar a atenção para a surpresa que se tem ao verificar que os acontecimentos negativos ou trágicos sofridos por tais pessoas eram por elas buscados de uma forma ativa, compulsivamente repetitiva e não como pode parecer à primeira vista, de maneira passiva, por azar.

(D) Como viga mestra para sua tese, apresenta *os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas*. A repetição infundável desses sonhos e a angústia incoercível desencadeadas nesses episódios levaram-no a afirmar que não se enquadravam nos limites da teoria dos sonhos, não poderiam ser explicados pela tentativa de realização de desejos. Sem dúvida, para ele, sobrepunham o princípio do prazer e surgiriam em obediência a outro princípio mais radical, representado pela compulsão à repetição.

A esta altura da teoria psicanalítica, Freud sustentava que o inconsciente reprimido não oporia resistência à recordação; estas proviriam do *ego coerente*. Os impulsos instintivos tenderiam à descarga repetitiva, seriam *livremente móveis* e obedeceriam ao processo primário, ao passo que ao ego caberia a tarefa de sujeitar a excitação instintiva e ligar os impulsos. Ele sintetiza assim o seu pensamento:

Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuado é que seria possível a dominância do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculos. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio do prazer, mas independente dele e, até certo ponto, desprezando-o (Freud, 1920, p. 52).

Nas manifestações da compulsão à repetição, o ego não teria conseguido *ligar* os impulsos e, como decorrência, seria incapaz de funcionar de acordo com o processo secundário. Em 1926, em *Inibições, sintomas e ansiedade*, contudo, apresenta ponto de vista diferente que julgo menos aceitável. Diz então que três resistências proviriam do ego (a repressão, a resistência da transferência e o benefício secundário). Fala, a seguir, sobre a *resistência do id*, a compulsão à repetição, que representaria a atração exercida pelos protótipos inconscientes sobre os processos instintivos reprimidos. Por intermédio da elaboração seria possível superar tal resistência. O superego apresentaria também uma forma de resistência oriunda do sentimento de culpa e da necessidade de castigo, desafiadora de todo esforço terapêutico, fazendo malograr, por conseguinte, qualquer tentativa de cura.

Afirmo que este ponto de vista é mais difícil de aceitar porque me fica um tanto incompreensível a ideia de que o id possa apresentar uma resistência. Mas, mesmo admitindo que exista, se considerarmos a *compulsão à repetição* como a *resistência do id* – instintiva em seu caráter, por conseguinte –, como poderá ela ser superada pela elaboração? Além disso, sendo a resistência proveniente do superego e refratária a todo esforço terapêutico, poderemos inferir que o id (nesta formulação) é apresentado como mais suscetível de ser modificado pela análise que o superego, o que é ainda mais custoso de admitir.

Em 1926, retomando Freud, ele estudava várias circunstâncias em que pode ser assinalada uma tendência à repetição compulsiva. Arrolou três principais: a) a compulsão à repetição – atribuída ao *id inconsciente* – seria o fator de fixação na repressão; b) a repetição estaria presente nos esforços do ego para lidar com uma experiência traumática buscando desfazê-la, anulá-la; c) a repetição igualmente teria papel importante no trabalho do *working through*.

Não pode ser esquecido, no exame das posições assumidas por Freud, o esclarecimento anteriormente feito em *O problema econômico do masoquismo* (1924) a propósito dos princípios reguladores mentais. O princípio do nirvana (expressão tomada em 1920 de empréstimo a Bárbara Low e que passara, na ocasião, a englobar o princípio de constância) expressa a tendência a voltar ao

inanimado e representa, portanto, o instinto de morte. Esse princípio do nirvana, por força da libido (instinto de vida), transforma-se no princípio do prazer, o qual, por seu turno, sofrendo a influência do mundo externo, converte-se no princípio de realidade.

Com essa nova visualização cessa a contradição evidente em *Além do princípio do prazer*, quando o princípio do prazer e o princípio do nirvana acabavam tendo a mesma finalidade, idênticas, portanto, já que o princípio do prazer agiria a serviço do princípio do Nirvana. No enfoque de 1924, os *princípios*, embora conflitantes em seus fins, coexistem harmonicamente e o princípio do prazer é considerado agora como o protetor da vida.

É importante ter isto em mente, porque não podemos esquecer que Freud relacionava os instintos com os processos repetitivos, que procurariam livrar o organismo das tensões. Para ele a maneira mais elementar com que o instinto de morte se manifesta é no impulso à repetição. Em *O ego e o id* (1923), por exemplo, cita três destinos que os instintos de morte podem ter: parte, por fusão com os eróticos, é neutralizada; parte projeta-se para o exterior (agressão) e parte segue livremente seu trabalho interno. Esta última parte foi considerada por ele como a mais importante das três e se vinculava essencialmente à compulsão à repetição.

De 1930 em diante, Freud não abandonou sua especulação de 1920 sobre a compulsão à repetição, porém em seus trabalhos há uma constante e repetida ênfase quanto ao papel importante do ego no fenômeno.

Assim, em *O mal-estar na civilização* (1930), a compulsão à repetição é vista como uma força que visa à poupança de energias e, sem dúvida, como função ego, quando se manifesta na tendência à ordem. Senão, examinemos a seguinte frase:

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas [...] conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas (op. cit., p. 113).

Em 1931 (*Sexualidade feminina*), novamente podemos constatar o valor atribuído por Freud à função ego quando salienta a existência da repetição com a finalidade de realizar o trabalho de *dominar o mundo externo*. Explica então que as manifestações repetitivas representam uma revolta contra a passividade e uma tentativa de assumir o papel ativo.

Na conferência XXXII das *Novas conferências introdutórias* (1933-32),

intitulada *Ansiedade e vida instintual*, recorda o que sustentara em 1920 a propósito da propensão dos instintos a restaurarem estágios anteriores de desenvolvimento e firma, de início, uma posição biológica:

Podemos supor que, desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge um instinto para criá-la novamente e ocasiona fenômenos que podemos descrever como uma compulsão à repetição. Assim, toda embriologia é um exemplo da compulsão à repetição (op. cit., p. 132).

É claro que a compulsão à repetição, nesta descrição, funciona então a serviço dos instintos de vida, porém Freud não se detém neste aspecto reconstrutivo. Já na conferência seguinte (XXXIII – *Feminilidade*), o aspecto psicológico é enfatizado, quando relaciona a repetição com a identificação, isto é, atribuição do ego. Escreve:

Sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha batalhando até a época do casamento, e isto é capaz de atrair para si toda a libido disponível, de modo que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais (p. 163).

Nota-se aqui, mais uma vez, a ênfase colocada no aspecto destrutivo da repetição. Não é citada neste trecho a possibilidade de repetição pela identificação com os característicos bons maternos. Em *Análise terminável e interminável* (1937), assinala que os mecanismos de defesa, típicos de cada pessoa, se *fixam* no ego, tornando-se modos característicos de reação e são repetidos cada vez que apareça uma situação que se assemelhe à situação original.

Nesse trabalho, outra vez, põe em destaque a importância da existência das repetições na transferência para que possam ser compreendidos os conflitos e atingidas as metas do tratamento. Faz um registro sobre a força do princípio do prazer na mente humana, mas também reafirma sua crença no instinto de morte original da matéria viva. Observa: “Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos primevos – Eros e o instinto de morte – e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida” (op. cit., p. 276).

Apesar de destacar a importância do instinto de morte, afirma que uma neurose pode reaparecer por manter-se intacta sua motivação instintiva, não se

referindo explicitamente a uma repetição como finalidade em si. Infere-se que um fator decisivo é a *repetição da mesma necessidade inconsciente*, isto é, do mesmo conflito. Este ponto (ao qual voltarei quando discutir o conjunto da contribuição freudiana) me parece de importância capital e talvez contenha a chave do problema.

No *Esboço da psicanálise* (1940-38), a atenção do leitor é despertada para o papel acentuado que ele atribui ao princípio do prazer na mente humana. Resume isso nesta frase: “O id obedece ao inexorável princípio do prazer” (op. cit., p. 227), logo ampliada com a afirmação que os demais agentes psíquicos também têm sua ação regulada pelo princípio do prazer. O princípio do prazer é visto agora como um poder ao qual o nível de tensão das necessidades instintivas tem que se submeter; os *agentes psíquicos* poderão modificá-lo, porém não anulá-lo.

Em *Moisés e o monoteísmo* (1939), o tema está presente para Freud, que aponta duas possíveis reações psíquicas aos traumas: positivas e negativas (as palavras *positivas* e *negativas* são propostas neste ponto sem conotação ética e, sim, descrevem a reação). A consideração sobre a participação do ego é algo que não pode fugir à atenção do observador. As ditas reações *positivas* externam esforços compulsivos de pôr o trauma em funcionamento outra vez:

[...] isto é, recordar a experiência esquecida ou, melhor ainda, torná-la real, experimentar uma repetição dela de novo ou, mesmo que ela seja apenas um relacionamento emocional primitivo, revivê-la num relacionamento análogo com outra pessoa. Resumimos estes esforços sob o nome de “fixações” no trauma e como uma “compulsão a repetir” (op. cit., p. 94).

As chamadas reações negativas seriam as tentativas de fugir do trauma ou de evitá-lo (esquecimentos, evitações, inibições, fobias). Ambas as reações, positivas e negativas, contribuem para a cunhagem do caráter e

[...] todos esses fenômenos [...] possuem uma qualidade compulsiva; isto equivale a dizer que têm uma grande intensidade psíquica e, ao mesmo tempo, apresentam uma independência de grandes consequências quanto à organização dos outros processos mentais, que se ajustam às exigências do mundo externo real e obedecem às leis do pensamento lógico (Freud, 1939, p. 95).

Embora Freud tenha abarcado várias manifestações da repetição (algumas delas irão servir no futuro, como veremos, para enfoques de outros analistas), não

se observam, nestes últimos trabalhos, grandes acréscimos ou modificações no que diz respeito à transferência e seu caráter repetitivo de situações ou de emoções pretéritas.

Faz-se necessária agora uma rápida síntese e alguns comentários. Em suas pesquisas (de maneira evidente a partir de 1900), Freud observou que o dualismo prazer-dor impera nas atividades humanas e em suas manifestações. O funcionamento psíquico, como decorrência, foi concebido em termos energéticos e obedecendo a certos princípios reguladores que determinavam a descarga, o que trazia como consequência o prazer; o aumento da tensão, pelo contrário, resultaria em desconforto, dor.

Ele próprio não se sentiu satisfeito com apenas estas formulações, apesar de não abandoná-las completamente. Aqui, como ao longo de toda a sua produção, mostrou-se coerente e com grande disponibilidade para alterar postulados teóricos quando a prática mostrava a falha ou a insuficiência de suas conclusões. Uma preocupação constante em Freud era a de buscar harmonizar a teoria psicanalítica com os dados clínicos à sua disposição.

O seu pensamento sobre os fenômenos repetitivos também passou por inúmeras modificações, sendo muitas vezes revisado. A noção da compulsão à repetição, ao longo da obra de Freud, foi decorrente e, por sua vez, ocasionou reformulações na teoria dos instintos, o que, por si só, justificaria nosso estudo do problema.

Como vimos, no que convencionei apresentar como *primeiro período*, Freud inicialmente não atribuiu à compulsão à repetição uma característica especial dentro da teoria: mencionava-a como um fenômeno observado clinicamente, uma possibilidade de o reprimido manifestar-se quando a recordação fosse bloqueada. Não obstante tenha salientado a importância de tal fenômeno para o tratamento (transferência), sempre fez incidir o acento tônico no aspecto desprazeroso do material repetido.

No segundo período (isto é, sua produção após 1919-1920), procurando resolver os problemas suscitados pela observação do fenômeno clínico da fixação ao trauma e das repetições compulsivas desprazerosas, introduz um novo conceito na teoria. Neste novo conceito, em linhas gerais, Freud postula que a compulsão à repetição é inerente ao funcionamento mental, independente do princípio do prazer e mais primitiva que este, já que procederia das próprias origens dos instintos. Como decorrência dessa origem instintiva, a compulsão à repetição teria poder para contrariar o princípio do prazer, visando a seus próprios e fatais objetivos: a volta à quietude original que fora quebrada pela manifestação vital. Especialmente nos trabalhos de 1920 e 1923, este conceito sustentou a afirmativa

